

# ARTE E PSICANÁLISE NO TRATAMENTO DA PSICOSE – PROXIMIDADES E DIFERENÇAS ENTRE A PROPOSTA DE NISE DA SILVEIRA E HENRY BAUCHAU

*Caio Leal Messias<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Em 1982 o escritor, psicanalista e dramaturgo belga Henry Bauchau Bauchau dá uma série de conferências sobre Arte e Psicanálise na Universidade *Paris VII*. Seu livro *L'enfant bleu* conta a história de Orion, jovem psicótico que, com o auxílio da psicanalista Véronique, descobre na arte uma forma de lidar com seus sintomas. Foi revelado depois que o artista Lionel, um antigo paciente, inspirou o livro.

Há proximidades entre o trabalho de Véronique/Bauchau e o da psiquiatra Nise da Silveira no Brasil dos anos 1940. Nos dois casos, teme-se os efeitos iatrogênicos do modelo asilar e da camisa de força química. Busca-se, então, uma forma alternativa de “cura”, um tratamento pela palavra e pela arte, onde importa mais o “cuidado de si”, o fortalecimento do “eu” e o encontrar um lugar no mundo do que a busca de uma “normalidade absoluta”. Este artigo explora proximidades e diferenças entre as duas propostas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte. Psicanálise. Psicose. Nise da Silveira. Henry Bauchau.

## ART AND PSYCHOANALYSIS IN THE TREATMENT OF PSYCHOSIS - PROXIMITY AND DIFFERENCES BETWEEN THE PROPOSAL OF NISE DA SILVEIRA AND HENRY BAUCHAU

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor de Literatura Francesa da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – contrato temporário. Pesquisa de doutorado financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e com apoio pontual da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Contato: caio\_leal@yahoo.com.br.

**ABSTRACT:** In 1982, the Belgian writer, psychoanalyst and playwright Henry Bauchau Bauchau gives a series of lectures on Art and Psychoanalysis at the University Paris VII. His book *L'enfant bleu* tells the story of Orion, a young psychotic who, with the help of psychoanalyst Véronique, discovers in art a way to deal with his symptoms. The artist Lionel, a former patient, inspired the book.

There are proximities between the works of Véronique/Bauchau and psychiatrist Nise of Silveira in Brazil in the 1940s. They both fear the iatrogenic effects of the asylum model and the chemical straitjacket. In both cases, an alternative form of “cure” is sought, a treatment by word and art. In this treatment it is more important to “care for oneself”, the strengthening of the “I” and finding a place in the world than the search for an “absolute normality”. This article explores proximities and differences between the proposals.

**KEYWORDS:** Art. Psychoanalysis. Psychosis. Nise da Silveira. Henry Bauchau.

## **ARTE Y PSICOANÁLISIS EN EL TRATAMIENTO DE LA PSICOSIS: PROXIMIDAD Y DIFERENCIAS ENTRE LA PROPUESTA DE NISE DA SILVEIRA Y HENRY BAUCHAU**

**RESUMEN :** En 1982, el escritor, psicoanalista y dramaturgo belga Henry Bauchau da conferencias sobre Arte y Psicoanálisis en la Universidad París VII. Su libro *L'enfant bleu* cuenta la historia de Orión, joven psicótico que, con la ayuda de la psicoanalista Véronique, descubre en el arte una forma de lidiar con sus síntomas. El artista Lionel, un antiguo paciente, inspirara el libro.

Hay proximidades entre los trabajos de Véronique/Bauchau y de la psiquiatra Nise da Silveira en Brasil en la década de 1940. En ambos casos, se temen los efectos iatrogénicos del modelo de asilo y la camisa de fuerza química, se busca una forma alternativa de «cura», un tratamiento basado en palabras y arte, donde «cuidar de uno mismo», fortalecer el «yo» y encontrar un lugar en el mundo es más importante que la búsqueda de una «normalidad absoluta». Este artículo explora la proximidades y las diferencias entre las dos propuestas.

**PALABRAS CLAVE:** Arte. Psicoanálisis. Psicosis. Nise da Silveira. Henry Bauchau.

## INTRODUÇÃO

Orion é o personagem principal do romance *L'Enfant Bleu* (O menino azul) de Henry Bauchau, publicado em 2004 na França. Trata-se de um jovem psicótico que, com o auxílio da psicanalista Véronique – sua psicoterapeuta e professora – descobre através da arte uma forma de lidar com seus sintomas, construir uma imagem positiva de si e superar inibições. O livro acompanha mais de uma década de tratamento e se encerra com a superação de um sintoma importante, momento que marca também o fim da análise. É revelado ao público, anos mais tarde, que o personagem principal do livro, Orion, foi inspirado em um paciente de Bauchau, Lionel – hoje artista pintor e escultor. Muito do trabalho que é descrito nesse romance, baseado em técnicas alternativas para o tratamento da psicose, inspira-se diretamente no tratamento de Lionel.

Chama bastante atenção no trabalho de Bauchau, nos anos 1970, o recurso à arte e à psicanálise como tratamentos alternativos ou complementares ao acompanhamento psiquiátrico comum. Esse trabalho diferenciado, contudo, já não é novidade nesse momento histórico. A opção do psicanalista dialoga com as diversas críticas ao tratamento psiquiátrico tradicional que já se avolumavam há algumas décadas em diversos cantos do mundo e, sobretudo, a partir das críticas do movimento da antipsiquiatria a partir dos anos 1960. As experiências de Bauchau com a arte e a psicanálise no tratamento da psicose fazem parte, portanto, de um esforço maior que conglobera diversos profissionais em diferentes localidades e realidades para encontrar tratamentos mais humanizados, menos agressivos e menos invasivos. Em suma, Bauchau responde aos apelos de um movimento de dimensão global que busca alternativas ao modelo asilar.

Temos também no Brasil uma das grandes referências na luta contra o modelo manicomial, Nise da Silveira, que desde os anos 1940 – portanto, já bem antes dessa grande onda antipsiquiátrica dos anos 1960/1970 – coloca diversas críticas a tratamentos agressivos como o eletrochoque, a lobotomia e as repetidas internações. Antes mesmo do surgimento dos primeiros psicofármacos nos anos 1950, Nise já propunha

no Brasil tratamentos humanizados, alternativos ao tratamento psiquiátrico tradicional. Ela fez também a crítica dessa grande indústria farmacêutica por traz da disseminação e banalização do uso de psicofármacos a partir dos anos 1950, associando-os a uma camisa de força química. Nise investe na arte como terapia e descobre no próprio fazer artístico um poderoso tratamento alternativo. A Casa das Palmeiras, de 1956, é um grande marco da desinstitucionalização no Brasil. Essa experiência de um local de tratamento com portas abertas, com método sobretudo psicológico e com recurso limitado à medicação, foi uma grande novidade no Brasil.

Com seu trabalho, Nise traz um olhar positivo para a produção artística dos psicóticos, chamando atenção de forma crítica, por contraste, para as condições e o modo como eram tratados os pacientes no modelo asilar. Sua proposta alternativa coloca em evidência a criatividade dos pacientes, assim como possibilidades de intervenção bem sucedidas baseadas em tratamento alternativo e humanizado. Emygdio de Barros, artista internacionalmente reconhecido, é um dos egressos dessa nova metodologia de trabalho (SILVEIRA, 1982, p. 67; CHAN, 2009, p. 176).

Notamos de imediato diversos pontos de contato entre os trabalhos de Nise da Silveira e Henry Bauchau; a arte e a psicanálise estão presentes nas propostas alternativas dos dois profissionais. É essa aparente proximidade que nos leva a comparar o trabalho dessas duas pessoas que, apesar de separados no tempo e no espaço, parecem ser motivados por preocupações comuns: evitar o modelo asilar (internação) e o tratamento psiquiátrico tradicional (eletrochoque, lobotomia, psicofármacos e repetidas internações). Apesar de alguns resultados semelhantes – por exemplo, tanto Nise quanto Bauchau conseguiram revelar artistas e propor tratamento alternativo baseado na arte para diversos pacientes – há diferenças notáveis que serão exploradas nesse artigo. Partimos justamente da *hipótese* de que, apesar das aparentes proximidades, trata-se aqui de propostas diferentes, com características próprias, ambas alternativas ao tratamento tradicional e igualmente válidas.

De início, é importante notar que são profissionais de áreas diferentes, Bauchau era psicanalista, Nise psiquiatra. Em segundo lugar, que há algumas décadas separando o início do trabalho de Nise da Silveira

(anos 1940) do de Henry Bauchau (anos 1970). Além disso, embora ambos se valham da arte, eles a pensam de modo diferente. Bauchau parece ver a arte como um meio de acessar o inconsciente, Nise parece a ver como um fim em si mesmo – no sentido de ver o próprio fazer artístico como uma forma de terapia ocupacional. Bauchau, inspirado por Lacan<sup>2</sup>, quer interpretar as produções dos psicóticos a partir da psicanálise, com a ajuda dos próprios pacientes (LACAN, 1998, p. 557). Nise, inspirada em Jung<sup>3</sup>, pensa o fazer artístico como instrumento de uma psicoterapia não-verbal (SILVEIRA, 1992, p. 16), como atividade produtora de símbolos que poderiam ser interpretados diretamente pelo médico, como expressão de um inconsciente coletivo, mesmo na ausência de uma psicanálise do paciente (LIMA, 2003, p. 214-217).

Ou seja, aquilo que, olhado de longe, parecia proximidade, quando olhado mais de perto mostra uma série de divergências. É a tentativa de compreensão desses pontos de vista e pressupostos teóricos diferentes em formas de trabalho aparentemente próximas, que inspira a escrita desse artigo, que é, na verdade, um primeiro e sutil exercício de distinção. Não há nenhuma pretensão de dizer aqui quem teria mais ou menos razão em suas propostas alternativas, ambas muito ricas e louváveis, e sim apenas a tentativa de compreender pontos de diferença entre propostas que, olhadas à distância, poderiam parecer idênticas.

Para esta análise, partimos de uma perspectiva teórica baseada na metodologia da crítica genética. A crítica genética surgiu na França nos anos 1970, tendo sido proposta pela primeira vez por Hay (2002) e sistematizada, mais tarde, por Grésillon (1994). Trata-se de uma metodologia de estudo de textos que se debruça sobre as diversas etapas da criação artística, sobretudo literária. Essa metodologia de pesquisa foi trazida para o Brasil por Willemart (2005; 2009; 2014; 2019). Willemart associou ao estudo genético do texto uma perspectiva teórica da psicanálise lacaniana (WILLEMART, 2005; 2009; 2014; 2019), enriquecendo sua

---

<sup>2</sup> Jacques Lacan, 1901-1981, psiquiatra e psicanalista francês. Famoso por retomar, discutir e atualizar diversos conceitos de Sigmund Freud (1856-1939).

<sup>3</sup> Carl Gustave Jung, 1875-1961, psiquiatra e psicoterapeuta suíço. Fundador da Psicologia analítica. Ligado a Freud inicialmente, afasta-se dele em seguida por divergências teóricas.

abordagem e expandindo seus horizontes. No Brasil, a perspectiva de pesquisa em crítica genética, influenciada por Willemart, foi sistematizada por Zular e Pino (2007). Foi essa perspectiva teórica, enriquecida pela psicanálise, que nos levou a ter um interesse todo particular pela obra do escritor e psicanalista Bauchau (2004). O estudo das diversas etapas de seu processo criativo nos levou a conhecer seus manuscritos e, finalmente, as anotações sobre seu método de trabalho, que misturam psicanálise e arte no tratamento da psicose.

Em minhas pesquisas, na área de Letras, sobre Orion, personagem principal do romance *L'enfant bleu* (MESSIAS, 2018), tive a oportunidade de conhecer, no Brasil, o trabalho de Silveira (1982; 1986; 1992). Existe, certamente, um diálogo possível entre as propostas de trabalho de ambos os profissionais. Ao mesmo tempo, contudo, como ficará mais claro a seguir, confirmando nossa hipótese inicial, há também uma série de distinções importantes a serem feitas, tanto do ponto de vista da prática, quanto da perspectiva teórica.

Em termos de estrutura, após essa breve introdução, pontuamos que este artigo começara por uma leitura filosófica da proximidade entre as propostas de Nise da Silveira e Henry Bauchau. Em seguida, trataremos separadamente de cada uma das propostas, mostrando suas especificidades e comparando-as. Por fim, pensaremos a arte como alternativa de tratamento, antes de chegarmos a nossas considerações finais.

## **PROXIMIDADE ENTRE AS PROPOSTAS DE NISE DA SILVEIRA E BAUCHAU – UMA LEITURA FILOSÓFICA**

Nise, assim como Véronique<sup>4</sup>/Bauchau, percebe a necessidade de escutar o paciente, superando a postura psiquiátrica de tratar o corpo e não a “alma”. Os médicos, é verdade, muitas vezes se limitam a tratar os efeitos, os sintomas com fármacos; a psicanálise, por sua vez, deve agir sobre as causas do sofrimento psíquico. A terapia deve se aproximar do cuidado. Levar em conta “a ideia de mal-estar (não encontrar seu lugar no

---

<sup>4</sup> Véronique é uma personagem do livro de Bauchau, espécie de “avatar” de Bauchau na obra de ficcional.

mundo) ou de angústia essencial. A cura admite uma direção, um sentido, um horizonte e não necessariamente um fim, uma terminação ou um produto” (DUNKER, 2011, p. 418). A psicanálise é uma forma de “cura”, além de um tratamento, ela busca reduzir o sofrimento. Conecta-se, pois, ao conceito de “cuidado de si” – trabalhado por Foucault em seu livro “A hermenêutica do sujeito” (FOUCAULT, 2010). A “cura” se liga, portanto, essencialmente, ao encontrar um lugar no mundo e não ao alcançar uma “normalidade absoluta” – o que Nise e Véronique/Bauchau parecem compreender muito bem. Ao buscar inserir seus pacientes no universo da arte, estão ajudando-os antes de tudo a encontrar seu lugar no mundo e a se encontrar. Trata-se então, no limite, de reatar laços com o real.

Podemos nos valer do conceito de “cuidado de si” – ideia desenvolvida por Foucault (FOUCAULT, 2010), e retomada por Dunker (DUNKER, 2011) – para aproximar as práticas terapêuticas propostas por Nise e Véronique/Bauchau, que, apesar de terem bases teóricas diferentes, podem dialogar de forma muito construtiva, trazendo elementos importantes para a reflexão sobre as alternativas de tratamentos existentes em nossos dias. Trata-se aqui da relação do sujeito com a verdade, questão presente tanto na filosofia e na ciência quanto na análise. Questão que vai além do “conhece a ti mesmo” de Delfos. Segundo Foucault: “Sócrates é sempre, essencial e fundamentalmente, aquele que interpela os jovens na rua e lhes dizia: ‘É preciso que cuideis de vós mesmos’” (FOUCAULT, 2010, p. 9). O jovem deve ocupar-se com a própria alma (espécie de terapia da alma). O que não se confunde com o egoísmo:

O cuidado de si é uma atitude para consigo, para com os outros, para com o mundo” (...) “Também designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos (FOUCAULT, 2010, p. 12).

Trata-se de práticas que permitem ao sujeito ter acesso à sua verdade. Um trabalho de si para consigo que leva a transformação do sujeito pelo

trabalho e pelo amor e que o torna capaz de verdade. A verdade, por sua vez, é o que ilumina o sujeito e lhe dá tranquilidade de alma.

Na visão cartesiana racionalista moderna inverte-se essa lógica. Coloca-se o conhecimento como condição para a verdade e não a transformação do sujeito em sua busca. De modo que “não se pode conhecer a verdade quando se é louco” (FOUCAULT, 2010, p. 19). Nessa nova era, o ser do sujeito não é colocado em questão.

Aquele ponto de iluminação, aquele ponto de completude, aquele momento da transfiguração do sujeito pelo ‘efeito de retorno’ da verdade que ele conhece sobre si mesmo, e que transita, atravessa, transfigura seu ser, nada disso pode mais existir. (...) Tal como doravante ela é, a verdade não será capaz de salvar o sujeito (FOUCAULT, 2010, p. 19).

Esta visão cartesiana da verdade (racionalidade clássica) é revista pela psicanálise que vem recuperar a noção de cuidado de si (o sujeito que se transforma na busca de sua verdade). Foucault percebe esse retorno também na filosofia do século XIX e no marxismo. Lacan igualmente retoma essas relações entre sujeito e verdade recolocando “a questão do preço que o sujeito tem que pagar para dizer o verdadeiro e a questão do efeito que tem sobre o sujeito o fato de que ele disse, de que pode dizer e disse, a verdade sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 29). O cuidado de si torna-se, assim, uma atividade para toda a vida. Que pode ser estimulada pelo analista, mas que deve ser levada adiante pelo próprio sujeito. A análise é vista, assim, como uma experiência transformadora, a busca de um outro tipo de saúde que não se confunde com a “normalidade” opressora. Nise, Véronique/Bauchau são, nesse sentido, um pouco como Sócrates, elas também dizem: “é preciso que aprendeis a cuidar de vós mesmos”; que aprendeis a conhecer sua verdade e achar seu lugar no mundo, superando o mal-estar e o sofrimento psíquico. São, pois, como faróis que pontuam em um campo tortuoso e estreito, o caminho em direção à uma maior autonomia. Desse modo, e através da arte e da psicanálise, Nise e Véronique/Bauchau colocam-se contra a racionalidade



cartesiana e mostram que também, quando se é “louco”, pode-se conhecer a verdade: a verdade sobre si mesmo – encontrando um lugar no mundo e fortalecendo o seu próprio “Eu”. A arte é a ferramenta que utilizam nesse processo, a forma como a utilizam e integram no tratamento da psicose não é, contudo, idêntica. Há diferenças importantes. Feita essa aproximação mais geral, passaremos abaixo à análise das especificidades de cada uma das propostas clínicas.

## **HENRY BAUCHAU E O DEMÔNIO DE LIONEL**

No romance *L'enfant bleu*, o primeiro encontro entre Orion e sua analista, que marca o início do livro, ocorre por conta de um desenho colado na parede da sala de professores de um Hospital-Dia por um professor de Artes. Véronique, psicóloga recém-contratada, interessa-se pelo desenho e por seu autor que ainda lhe é desconhecido. Sobre uma folha de papel, com traços infantis, vê-se representa uma ilha, cuja forma foi apenas esboçada apressadamente. O desenho pueril chama a atenção da psicóloga que percebe nele “a dor de um coração partido”. Neste mesmo dia, Véronique encontra, nos arredores da sala dos professores, o assustado Orion. Seus colegas o aterrorizam e provocam até o ponto de fazê-lo perder o controle de si e tornar-se violento. Todos as manhãs, no intervalo das aulas, o drama se repete. No dia seguinte, Véronique se aproxima dele e elogia seu desenho, ele sorri; depois volta para a sala de aula às pressas. Assim começa uma longa história, de transferência e contra-transferência, que se desenrola durante mais de uma década. Orion, um caso difícil, torna-se paciente da ainda jovem terapeuta. Juntos, eles atravessam um longo percurso que permite ao paciente descobrir-se enquanto artista e à psicanalista aceder ao mais profundo de si mesma.

No início, Véronique tem dificuldade para adentrar no universo imaginário do jovem. O trabalho cotidiano com ditados e ortografia, exigência e obsessão da mãe do paciente, que os toma como um imperativo, numa perspectiva profissionalizante, dificulta a aproximação. Só aos poucos o desenho passa a fazer parte do tratamento. Mas o trabalho é difícil. Atormentado por sintomas paranoicos, Orion se diz o tempo

todo perseguido pelo “demônio de Paris” que lança raios e o faz dançar a “dança de Saint-Guy” (referência as suas crises nervosas). Na rua, ele se sente ainda mais desprotegido, apenas em “*sous-le-bois*” (*sob-o-bosque*, expressão que se refere à casa da avó) o demônio perde seus poderes. Há neste universo assombrado, porém, também um conjunto de forças benévolas. Surgem de tempos em tempos “os trezentos cavalos brancos”, que mordem e pisoteiam o demônio, e o “menino azul”, figura benevolente imaginária, voz do inconsciente, que o auxilia na vida cotidiana.

Entre percalços e pequenos avanços, Orion descobre a pintura, o desenho, a escultura e a xilogravura. Sua primeira série de desenhos se refere ao mito do Minotauro, tema proposto pela terapeuta. O labirinto, em seguida, torna-se uma constante em seus trabalhos. Outros temas virão se somar a estes ao longo do tempo: A ilha paraíso nº 2; monstros amigos; o demônio ditador. Mais adiante, após um período de hesitação, Orion passa a assinar suas obras, assumindo-se finalmente como autor.

Com este trabalho, que mistura arte e terapia, seu vocabulário, sua capacidade de se comunicar se expande, e pouco a pouco ele se liberta de seus temores, superando certos ritos obsessivos de defesa. O percurso da relação paciente-analista chega ao fim, e com ele o livro, no momento em que Orion consegue dizer “eu”. De fato, durante todo o texto, o personagem trata a si mesmo sempre por “*on*” (a gente/nós). Uma incomoda polifonia que Véronique tenta interpretar. Esse plural insere dentro de si as fantasias do psicótico (como o demônio e o menino azul), mas também, em certo momento, a própria psicoterapeuta. Grande parte da narrativa se centra em descobrir o significado do menino azul para Orion e superar o “*on*” (traço esquizofrênico). O capítulo final, “Hoje, posso pagar eu mesmo”, mostra o momento em que Orion consegue passar ao registro da primeira pessoa do singular. Um importante passo para a construção de sua identidade enquanto indivíduo e artista. Constrói-se, assim, no livro, uma clara relação entre o desvendar do segredo do menino azul e a posterior superação do sintoma “*on*” que marca o fim da análise e da narrativa. A construção da identidade social enquanto artista se confunde, desse modo, com a própria reconstrução do “eu” do personagem psicótico.

Em 2012, ano da morte de Bauchau, foi organizada na Universidade Católica de Lille uma exposição chamada “*Lionel, l’enfant bleu d’Henry Bauchau*” (“Lionel, o menino azul de Henry Bauchau”), com diversas obras do artista parisiense Lionel. No mesmo ano foi lançado um livro com o mesmo título, contendo imagens das obras expostas e textos de especialistas na obra de Bauchau (CAPE; BOULANGER, 2012, p.124). Lionel é o adolescente que inspirou o livro *L’enfant bleu*. O romance é uma ficção criada a partir do encontro vivido entre o jovem Lionel e o psicanalista Bauchau. Não por acaso, portanto, lendo a introdução escrita pelo próprio Bauchau para o livro sobre a exposição de 2012, temos a impressão de fazer um sobrevoo rápido sobre os episódios centrais da própria intriga romanesca do livro *L’enfant bleu*, apresentada brevemente acima. Por alguns anos, entretanto, a identidade do paciente foi mantida em segredo para o público do dramaturgo e romancista, membro desde 1991 da Academia Real de Língua e Literatura Francesa da Bélgica. Bauchau, como psicanalista, teve, de fato, um paciente chamado Lionel, que acabou se tornando artista, pintor e escultor. O primeiro encontro entre eles aconteceu em 1975, quando o escritor trabalhava no Hospital-Dia da Grange Batelière nos arredores de Paris. O acompanhamento psicoterapêutico durou por volta de quinze anos.

Ao mudar-se para a França, nos anos 1970, Bauchau foi contratado como terapeuta pelo Centro Psicopedagógico da Grange-Batelière, que acompanhava adolescentes em dificuldade. Na capital francesa, o escritor belga deu início a sua carreira como psicanalista, praticando regularmente a arteterapia com seus pacientes psicóticos. O sucesso dessa experiência o leva a ser convidado, em 1982, a dar uma série de conferências sobre as relações entre Arte e Psicanálise na Universidade Paris VII. Muitas das ideias desenvolvidas por Bauchau sobre o tema acabam aparecendo no livro *L’enfant bleu*.

Os textos e documentos clínicos, trabalhados por Bauchau nessas conferências sobre as relações entre arte e psicanálise, vem principalmente do arquivo médico de Lionel e fazem parte do dito *hypotexte* de *L’enfant bleu*. Observando as notas preparatórias de aula de Bauchau daquela época (manuscritos inéditos), percebemos que ele pensa a arte como uma forma

de aliviar e tornar suportável o sofrimento do paciente, permitindo-lhe, de alguma forma, comunicar sua dor. Veremos a seguir alguns trechos das anotações do psicanalista, arquivadas no *Fonds Henry Bauchau* da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, que atestam esse ponto de vista<sup>5</sup>. Maiores detalhes sobre a relação existente entre o personagem Orion e o paciente Lionel podem ser obtidos pela leitura de minha tese de doutorado sobre esse tema específico<sup>6</sup>.

Quando Bauchau retoma o *cas Lionel* nessas conferências, seu objetivo é “mostrar as relações entre a arte e a evolução de uma psicose” (FONDS HENRY BAUCHAU, documento A7774, tradução nossa). Já no primeiro dia, o psicanalista deixa claro para seus alunos que o assunto do curso será: “A relação entre a arte e os estados interiores dos pacientes. Pelo canal da projeção. Para ser-lhes útil ou ao menos aliviá-los” (FONDS HENRY BAUCHAU, documento A7776, tradução nossa). A ideia de seu método terapêutico é, portanto, se valer da arte para projetar na realidade externa, através do desenho, os fantasmas que perturbam a vida interior do sujeito, tornando-os mais palpáveis, e assim poder combatê-los em melhores condições.

Bauchau afirma pensar a projeção do modo como teria sido definida por Freud. Em uma nota de curso, após algumas aulas, ele explica seu ponto de vista:

A projeção é o meio de defesa contra as agitações internas fortes demais; O sujeito as projeta no exterior para poder utilizar seus meios de defesa contra o exterior. (Exterior

---

<sup>5</sup> Cito neste artigo, em tradução livre, trechos de transcrições – feitas por mim mesmo – de manuscritos inéditos conservados no acervo do *Fonds Henry Bauchau* da Universidade Católica de Louvain – Bélgica. Este Fundo é dedicado apenas a materiais referentes à obra de Henry Bauchau, as indicações dos documentos citados nesse artigo, embora sumárias [apenas o número do arquivo], são suficientes para localização dos manuscritos no arquivo. O acesso ao acervo é controlado e feito com horário marcado, não é permitido tirar fotos do material – maiores informações sobre o acesso ao acervo estão disponíveis no site da instituição: <https://bauchau.fltr.ucl.ac.be/>

<sup>6</sup> MESSIAS, Caio Leal. *Orion, personagem de Bauchau: um estudo de crítica genética*. FFLCH-USP, 2018 (disponível na internet, no banco de Teses da USP <<https://www.teses.usp.br>>, em formato digital).

interior). A contrapartida de tal benefício é que o sujeito é obrigado a acreditar plenamente no que está, daqui em diante, submetido às categorias do real. Ex: Lionel e o demônio (FONDS HENRY BAUCHAU, documento A7792, tradução nossa).

Em outro trecho Bauchau anota:

A projeção em Freud. 1) Em seus primeiros escritos ela é apenas o mal uso do mecanismo normal que consiste em procurar no exterior a origem de um desprazer, caso do paranoico: ele projeta suas representações intoleráveis. Estas retornam sob a forma de censuras: “O conteúdo afetivo continua o mesmo, mas há mudança da localização do conjunto” (FONDS HENRY BAUCHAU, documento A7877, tradução nossa).

Vê-se que Bauchau, através da arte, busca possibilitar ao paciente uma outra forma de relacionar-se com seus demônios interiores. “A projeção alivia e pode trazer uma valorização criativa do demônio por Lionel que projeta sobre ele todas as causas de culpa” (FONDS HENRY BAUCHAU, documento A7829, tradução nossa), melhorando sua relação com o próprio sintoma.

O esforço de Bauchau, no sentido de integrar a psicanálise e a arteterapia ao tratamento de Lionel, buscando um tratamento humanizado, alternativo aos medicamentos e à internação manicomial, aproxima-o, na França, do movimento internacional conhecido como *Antipsiquiatria*<sup>7</sup>, que passa a questionar os métodos da psiquiatria tradicional, sobretudo, a partir dos anos 1960. Thomas Szasz, figura central desse movimento, coloca em dúvida, em seu livro *Mito da doença mental*, o próprio conceito de “doença mental”, posto que o sofrimento psíquico não se deixaria enquadrar facilmente nem como doença, nem como mental (SZASZ, 1979). Erving Goffman, em livros clássicos como “Manicômios, prisões

---

<sup>7</sup> Cf. LA HAYE, Jacques Lesage. *A morte do manicômio: história da antipsiquiatria*. São Paulo: EDUA, 2007.

e conventos” (GOFFMAN, 2015), critica, por sua vez, o próprio modelo asilar (intuições totais) e o etiquetamento (estigmas colados à identidade social do internado). Enquanto Foucault, em livros como *O poder psiquiátrico*, questiona o papel de poder dado à psiquiatria na sociedade ocidental (FOUCAULT, 2012). Desse modo, a camisa de força química, proposta impulsionada pela grande indústria farmacêutica, seria apenas um passo a mais dentro de uma lógica moderna de promoção de corpos dóceis e razão adequada. Processo de apagamento do indivíduo e construção de um capitalismo mais eficiente, que agiria sobre o corpo e a alma da massa trabalhadora.

Pode-se apontar como resultados diretos desse movimento (ou desses movimentos, posto que se trata de uma pluralidade de iniciativas e pontos de vistas que se somam contra o modelo asilar) a Reforma psiquiátrica italiana, capitaneada pelo psiquiatra Franco Basaglia<sup>8</sup>, que aboliu os manicômios na Itália em 1978, e, no Brasil, já no final dos anos 1970, o surgimento de um combativo movimento antimanicomial, contemporâneo da luta pela redemocratização e que teve uma vitória importante na Lei da Reforma Psiquiátrica, Lei 10.216 de 6 de abril de 2001 (BRASIL, 2001)<sup>9</sup>.

As experiências da antipsiquiatria, no Brasil e no mundo, encontraram contudo sempre muita resistência<sup>10</sup>, tendo a maioria delas, infelizmente, um fim precoce. De todo modo, trata-se de um progresso importante, um legado que precisa ser protegido e expandido. Comentando sobre a proposta de Basaglia, Nise da Silveira explica que: “Aquilo que se impõe [com as reformas] é uma verdadeira mutação, tendo por princípio a abolição total dos métodos agressivos, do regime carcerário, e a mudança de atitude face ao indivíduo, que deixará de ser o *paciente* para adquirir a condição de pessoa” (SILVEIRA, 1992, p. 14). Ou seja, uma grande mudança de paradigmas no campo da psiquiatria.

<sup>8</sup> CF. BASAGLIA, Franco. *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*, org. Paulo Amarante. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

<sup>9</sup> BRASIL. *Lei 10.216 de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm)>, acesso em 16 de abril de 2020.

<sup>10</sup> Cf. DESVIAT, Manuel. *A reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.

A opção de Véronique/Bauchau por uma alternativa aos psicofármacos, através de um tratamento ancorado na palavra e na arte, longe de ser um fato isolado nos anos 1970<sup>11</sup>, faz parte, portanto, de um questionamento maior sobre os métodos da psiquiatria que vinham sendo praticados até então em todo o mundo e da busca por alternativas a procedimentos agressivos e invasivos que passaram a ser amplamente criticados.

Falando sobre os psicofármacos, muito utilizados a partir dos anos 1950, Nise da Silveira observa que estes, apesar de representarem um avanço científico importante, poderiam ser usados, de forma equivocada e excessiva, como meras cadeias para o corpo e a alma dos pacientes:

Essas descobertas químicas de ação sobre o sistema nervoso ocasionaram importantes transformações no tratamento das doenças mentais. O problema agora era reduzir as manifestações delirantes e as expressões motoras que a acompanhavam. Estavam criadas as camisas de força química. Paz nos hospitais psiquiátricos! (SILVEIRA, 1992, p. 13).

<sup>11</sup> Exemplificando essa multiplicidade de iniciativas, podemos citar os avanços da arteterapia nesse período. O conceito de arteterapia surge nos anos 1930, nos EUA, nos trabalhos de Margaret Naumburg, pesquisadora influenciada por Jung e Freud (Cf. NAUMBURG, Margaret. *Schizophrenic art: its meaning in psychotherapy*. New York: Grune & Stratton, 1950). Ainda nos EUA, Edith Kramer, influenciada pelo conceito de sublimação em Freud, buscará aproximar arteterapia e educação em artes (KRAMER, Edith. *Art as therapy with children*. New York: Schocken, 1975). Na esteira dessas novas propostas, é fundada em 1964 a Associação Britânica de Arteterapeutas e, em 1969, a Fundação Americana de Arteterapeutas. A Arteterapia chega à França com força apenas nos anos 1960. Em 1959 é fundada a Sociedade Internacional de Psicopatologia da Expressão e em 1960 A Sociedade Francesa de Psicopatologia da Expressão. Tem um papel importante nesse processo o arteterapeuta Claude Wiart, que utiliza arteterapia na França dos anos 1960 no Centro Hospitalar Sainte-Anne em Paris (Cf. WIART, Claude. *Art et Psychothérapie*. In : P. Pichot et B. Samuel-Lajeunesse (org.). *Nouvelles tendances en psychothérapies*. Paris : Masson, 1983 [161-171]; e WIART, Claude. *100 ans. Des «peintures faites par des fous» à «l'art-thérapie»*. Soins Psychiatrie, 1985 - Junho-julho [56-57] ; 3-4). Há diversas arteterapias em desenvolvimento nesse momento, com os mais variados pressupostos conceituais (influenciadas por Jung, Freud, a escola psicológica da Gestalt, a fenomenologia etc.). O campo hoje é muito vasto e remete à diversas nomenclaturas concorrentes (arteterapia; arte e terapia; terapias criativas; terapia pela arte; terapias expressivas; expressões terapêuticas; psicopatologia da expressão etc.). Bauchau, ao aliar arte e psicanálise nos anos 1970, dialoga, portanto, com as diversas correntes de arteterapia em voga em seu tempo e que continuam a se desenvolver até os dias de hoje.

Do mesmo modo, começa-se a perceber nesse momento que a manutenção dos manicômios e a supressão de experiências humanizadas se liga, muitas vezes, a razões inconfessáveis. Em resumo, pode-se dizer que a loucura é, infelizmente, extremamente lucrativa.

Não será difícil detectá-las: a indústria da loucura é uma lucrativa aplicação de capital. As poderosas multinacionais produtoras de psicofármacos bem o demonstram. É suficiente ressaltar que no Brasil 78 por cento dos estabelecimentos psiquiátricos são de propriedade particular, enquanto que o número de seus ambulatórios, que poderiam contribuir para manter pelo menos por algum tempo o paciente fora da instituição, é apenas 27,6 por cento. O que interessa, portanto, é o lucro proporcionado pelo paciente reinternado. Quanto mais, melhor (SILVEIRA, 1992, p. 14).

Percebemos nessas palavras uma grande sintonia com os pensamentos críticos do reformista italiano Franco Basaglia. A proposta de Nise da Silveira, contudo, diverge um pouco da orientação de Basaglia. Nas palavras da própria psiquiatra: “A proposta de Basaglia continua atualmente atraindo a maioria dos espíritos renovadores da área da psiquiatria, embora ainda nos pareça incompleta, por conceder pouca atenção aos fenômenos em desdobramento no espaço interno” (SILVEIRA, 1992, p. 15). Não nos parece totalmente justo o comentário de Nise da Silveira. É verdade que Basaglia traz uma visão mais sociológica da instituição psiquiátrica, apontando para questões de poder, opressão e violência na sociedade e no hospital psiquiátrico, denunciando o uso da técnica psiquiátrica como instrumento de opressão do indivíduo. Mesmo assim, não se pode dizer que perde totalmente de vista a dimensão interna do indivíduo, seu processo subjetivo de cura. Em seu livro *Conferências brasileiras*, produto de uma série de conferências ocorridas no Brasil em 1979, Basaglia diz, por exemplo que:

Tínhamos já entendido que um indivíduo doente tem, como primeira necessidade, não só a cura da doença, mas muitas



outras coisas: tem necessidade de uma relação humana com quem o cura, tem necessidade de uma resposta real para o seu ser, tem necessidade de dinheiro, de uma família e de tudo aquilo que também nós médicos que o curamos temos necessidade. Esta é a foi a nossa descoberta. O doente não é somente um doente, mas sim um homem com todas as suas necessidades<sup>12</sup> (BASAGLIA, 2000, p. 17).

Note que há um grande acento em questões sociais em sua fala, mas também uma preocupação com a a “necessidade de uma resposta real para o seu ser”, algo que diz respeito, indubitavelmente, também a seu universo interior. Veremos a seguir que o espaço interno do paciente, sua realidade psicológica, tem uma grande importância no método de Nise da Silveira, que buscará assim, através da terapia ocupacional, dar vias de expressão para a tumultuosa experiência psíquica dos psicóticos.

## **NISE DA SILVEIRA E O TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA E PARANOIA NO BRASIL**

Não poderíamos deixar de notar, como ficará claro a seguir, certa proximidade entre o trabalho desenvolvido pela personagem Véronique (e também pelo psicanalista Bauchau) e o trabalho de Nise da Silveira no Brasil a partir dos anos 1940. Lima (2003) escreveu um estudo sobre o trabalho da psiquiatra brasileira. Retomaremos aqui, por isso, alguns pontos de sua tese para mostrar as proximidades e diferenças entre a proposta de Nise da Silveira e Véronique/Bauchau.

Nise da Silveira, médica psiquiatra, indignada com a prática clínica corrente nos hospícios brasileiros de seu tempo, baseada em eletrochoques, lobotomia e, posteriormente, a partir dos anos 1950, na camisa de força química da terapia medicamentosa (psicofármacos), assume o compromisso de se valer de procedimentos terapêuticos de caráter humanista para o tratamento da esquizofrenia e da paranoia. Trabalhando no Setor de Terapia Ocupacional e Reabilitação (STOR) do

---

<sup>12</sup> Em tradução livre do autor deste artigo.

Centro Psiquiátrico Nacional no Rio de Janeiro no Engenho de Dentro, Nise propunha a pintura, modelagem, música e trabalhos artesanais como método terapêutico. Em suas pesquisas “buscava registrar os resultados obtidos com a utilização de atividades, comprovar a eficácia dessa forma de tratamento, investigar efeitos nocivos dos tratamentos psiquiátricos tradicionais, comprovar capacidades criativas e de aprendizado dos esquizofrênicos” (LIMA, 2003, p. 213).

Um de seus principais objetivos era permitir aos doentes encontrar um meio de expressão não-verbal:

O interesse de Nise era encontrar o doente, estabelecer com ele algum tipo de relação, abrir-lhe espaço para que ele pudesse dizer sua verdade (...) Nesses núcleos procurava-se atividades que estimulassem o fortalecimento do ego dos pacientes, a progressiva ampliação do relacionamento com o meio social e que servissem como meio de expressão (...) Nise conta que quando abriram o setor de pintura em 1946, tinham como objetivo buscar um acesso ao mundo interno do psicótico e admitiam que as pinturas fornecessem material a serem trabalhados em sessão de psicoterapia, mas se surpreenderam ao constatar que o próprio ato de pintar poderia adquirir, por si mesmo, qualidades terapêuticas (LIMA, 2003, p. 214-217).

Segundo Nise:

As imagens do inconsciente, objetivadas na pintura, tornam-se passíveis de uma certa forma de trato, mesmo sem que houvesse nítida tomada de consciência de suas significações profundas. Lidando com elas, plasmando-as com suas próprias mãos, o doente as via agora menos apavorantes e mais tarde até inofensivas. Ficavam despojadas de suas fortes e desintegrantes cargas energéticas (LIMA, 2003, p. 217).

Nota-se, nessas passagens, nítida semelhança com o procedimento de Véronique/Bauchau ao pedir que Orion/Lionel coloque seus monstros no papel. A pintura é usada, em ambos os casos, como uma forma de reorganizar o mundo interior e reconstruir relações com a realidade exterior.

Assim como Véronique, Nise da Silveira percebe que “A situação afetiva é tão intensa e geradora de angústia que o indivíduo nem sempre consegue exprimi-la (...) fervem emoções sufocadas, desejos e conflitos reprimidos” (SILVEIRA, 1992, p. 73) A comunicação com o psicótico é, porém, muito difícil. A psiquiatra brasileira percebe então a importância da arte como forma de entrar em sintonia e estabelecer um contato *não-verbal* com o cliente:

A comunicação como o esquizofrênico, nos casos graves, terá um mínimo de probabilidade de êxito, se for iniciada no nível verbal de nossas ordinárias relações interpessoais. Isso só ocorrerá quando o processo de cura estiver bem adiantado. Será preciso partir do nível *não-verbal*. É aí que se insere com maior oportunidade a terapêutica ocupacional, oferecendo atividades que permitam a expressão de vivências não verbalizadas, por aquele que se acha mergulhado na profundidade das elaborações da razão e da palavra (SILVEIRA, 1992, p. 16)

Nise da Silveira opta, assim, pela terapia ocupacional, sobretudo através da pintura e modelagem, como forma de atingir tais objetivos:

Dentre as várias atividade ocupacionais, verificamos que a pintura e a modelagem permitiam mais fácil acesso ao mundo interno do esquizofrênico. E esse é o nosso principal objetivo, não só como uma questão teórica, mas também como necessidade para o tratamento, uma vez que teríamos de verificar a atividade adequada à condição psíquica em que se encontra o indivíduo (SILVEIRA, 1992, p. 17)

Motivada pelos resultados obtidos, Nise entra em contato com Jung. O famoso psicanalista lhe responde dizendo que o que se revelava nestes desenhos era o inconsciente coletivo e seu poder de auto-cura. “Ao pintar, o indivíduo não somente expressava a si mesmo, mas criava algo novo, produzia um símbolo e esta produção tinha efeitos de transformação tanto na realidade psíquica como na realidade compartilhada” (LIMA, 2003, p. 218).

Lacan, escrevendo sobre escritos de psicóticos, acreditava que a significação humana destes símbolos se iguala muitas vezes à inspiração dos maiores artistas. O delírio se revela, de fato, muito fecundo. “Os delírios, com efeito, não precisam de nenhuma interpretação para expressar, apenas por seus temas, e maravilhosamente, estes complexos instintivos e sociais que a psicanálise tem enorme dificuldade a desvendar nos neuróticos” (LACAN, 1975, p. 387). Lacan, porém, via com ressalvas a interpretação de símbolos não-verbais. “Se Freud rejeitou essa prática divinatória foi no ponto em que ela negligenciava a função diretiva de uma articulação significante, que adquire efeito por sua lei interna e por um material submetido à pobreza que lhe é essencial” (LACAN, 1998, p. 557). Lacan expressa, desse modo, a opinião de que a leitura dos símbolos sem o apoio de uma psicanálise do sujeito estaria fadada a resultados insatisfatórios.

Bauchau, que conhecia a obra de Lacan e Freud, faz com que, por isso mesmo, a personagem Véronique siga por um caminho que vai unir psicanálise e pintura. A interpretação dos desenhos é, assim, feita a com ajuda do analisando dentro de uma psicanálise mais ampla. Nise, a seu turno, inspirada por Jung, segue caminho um pouco diferente, utilizando a própria pintura como atividade terapêutica em si mesma. Nise pensa uma psicoterapia de nível não-verbal. Terapia que dá expressão ao que não pode ser dito pela palavra. Seu objetivo é “despotencializar imagens inconscientes de sua força desintegradora” (LIMA, 2003, p. 230). Para ela, portanto, a pintura é uma atividade produtora de símbolos que poderiam ser interpretados mesmo na ausência de uma psicanálise do sujeito, pois remeteriam ao inconsciente coletivo. O que Lacan criticava como atividade divinatória.

Vejamos, no que consistia, em termos práticos, o método de Nise da Silveira:

Era um método que deveria, como condição preliminar, desenvolver-se num ambiente cordial, centrado na personalidade de um monitor sensível, que funcionaria como uma espécie de catalisador. Nesse clima, sem quaisquer coações, através de várias atividades verbais ou não verbais, os sintomas encontravam oportunidade para se exprimirem livremente. O tumulto emocional tornava forma, despontencializando-se (SILVEIRA, 1992, p. 16).

Como chamar esse método, Nise da Silveira se coloca essa importante questão teórica:

Há várias linhas de pensamento que, apesar do descaso reinante, insistem em procurar fundamentação teórica para interpretar o método ocupacional. E várias denominações para designá-lo – laborterapia, praxiterapia, método hipersativo, método reeducativo, ergoterapia e, finalmente, terapêutica ocupacional, termo preferido por ingleses e americanos. A expressão terapêutica ocupacional generalizou-se, embora seja pesada como um paralelepípedo. Preferimos dizer *emoção de lidar*, expressão usada por um dos clientes da Casa das Palmeiras, pois sugere a emoção provocada pela manipulação dos materiais de trabalho, uma das condições para a eficácia do tratamento (SILVEIRA, 1986, p. 12/13)

Notamos logo um enfoque no fazer corporal, na atividade corporal como terapia, na expressão *não-verbal* como uma forma de lidar com sintomas complexos e expressar sentimentos profundos.

Convivendo com o cliente durante várias horas por dia, vendo-o exprimir-se verbal ou não verbalmente em ocasiões diferentes, seja no exercício de atividades individuais ou de grupo, a equipe logo chegará a um conhecimento bastante profundo de seu cliente. E a aproximação que nasce entre

eles, tão importante no tratamento, é muito mais genuína que a habitual relação de consultório entre médico e cliente. A experiência demonstra que a volta à realidade depende em primeiro lugar de relacionamento confiante com alguém, relacionamento que se estenderá aos poucos a contatos com outras pessoas e com o ambiente. O ambiente que reina na Casa, é por si próprio, um importante agente terapêutico (SILVEIRA, 1986, p. 11)

Para Nise a arte pode facilitar processos de subjetivação (fortalecimento do “eu”) e reverter processos de exclusão social. Tanto Nise quanto Véronique/Bauchau buscam dar um lugar social ao psicótico. Ressignificando a “loucura” e valorizando a produção dos “loucos”. Em 1947 é realizada uma primeira exposição dos pacientes de Nise no Ministério da Educação no Rio de Janeiro. A psiquiatra sabia que nem todos os que passassem pelo STOR se tornariam artistas. Diz Nise: “Haverá doentes artistas e não artistas, assim como entre os indivíduos que se mantém dentro das imprecisas fronteiras da normalidade só alguns possuem a força de criar formas dotadas do poder de suscitar emoções naqueles que as contemplam” (LIMA, 2003, p. 213). Para a psiquiatra, mais importante do que revelar artistas (embora isso também pudesse ocorrer) era buscar um tratamento que valorizasse o psicótico, reatasse seus laços sociais, fortalecesse seu “eu” e diminuísse seu sofrimento psíquico. A reconstrução do “eu” fragmentado de Orion/Lionel é também, do mesmo modo, um dos objetivos centrais de Véronique/Bauchau.

Em 1952, cria-se o Museu de Imagens do Inconsciente. Tentativa de propiciar um futuro menos trágico aos artistas do Centro Psiquiátrico Nacional no Engenho de Dentro. Mais tarde, nos anos 1980, baseados em pressupostos teóricos diversos, projetos de arteterapia se articularão no Brasil com a luta antimancomial.

Outra iniciativa muito marcante da psiquiatra brasileira foi a criação da Casa das Palmeiras, já citada anteriormente. Fundada em 1956, esta instituição tinha como objetivo evitar o problema das reinternações recorrentes, valendo-se de novas formas de tratamento. O projeto não foi aceito, na época, pela direção do hospital do Engenho de Dentro. O que

obrigou as fundadoras, Maria Stella Braga, Lígia Loureiro, Beth Paes Leme e Nise da Silveira, a procurar um local fora das dependências do hospital.

A Casa das Palmeiras era uma instituição de portas abertas, uma fundação sem fins lucrativos, verdadeira experiência de desinstitucionalização, que se valia de método terapêutico essencialmente psicológico, com reduzido recurso a medicação (doses reduzidas e individualizadas). Por isso tudo, o projeto desafiou paradigmas do tratamento psiquiátrico em sua época. Nas palavras de Nise da Silveira: “a Casa da Palmeiras é um pequeno território livre, onde não há pressões geradoras de angústia, nem exigências superiores às possibilidades de resposta de seus frequentadores” (SILVEIRA, 1986, p. 12). O objetivo principal, como já dito, e em grande parte atingido, era evitar que seus frequentadores sofressem novas e repetidas reinternações em hospitais psiquiátricos. O modelo inovador do projeto ainda chama a atenção na atualidade:

Portas e janelas estão sempre abertas na Casa das Palmeiras. Os médicos não usam jaleco branco, não há enfermeiras e os demais membros da equipe técnica não portam uniformes e crachás. Todos participam ao lado dos clientes. E também todos fazem em conjunto o lanche, que é servido no meio da tarde, sem discriminação de lugares especiais (SILVEIRA, 1986, p. 12)

A desconfiança com relação aos métodos tradicionais de tratamento, que envolviam eletrochoques e remédios, é outro ponto que une Nise e Véronique/Bauchau. Pois Véronique também temia a internação de Orion. Ao descobrir que os pais do adolescente planejam colocá-lo como aprendiz em uma oficina de jóias, ela diz: “Impossível. Para Orion ou é a arte ou é o hospital psiquiátrico” (BAUCHAU, 2004, p. 158). Véronique temia que as pressões da profissionalização levassem a uma crise que pudesse terminar com uma internação. E a internação era o pior dos mundos nos anos 1970.

Como já dito anteriormente, na época em que Bauchau começou a trabalhar com tratamento ambulatorial na França – no Centro Psicopedagógico da Grange-Batelière em Paris (anos 1970, 1980) –, estava em curso na Europa um grande debate sobre a desinstitucionalização, a antipsiquiatria<sup>13</sup> e a crítica do modelo asilar. É essa justamente a época do máximo impacto dos escritos de Goffman (2015), Foucault (2012), Basaglia (2000) e Szasz (1979). A Sociedade Francesa de Psicopatologia da Expressão, fundada por Wiart (1983; 1985), já existia desde 1960. O psicanalista Bauchau e sua personagem Véronique se posicionam, desse modo, claramente dentro do campo crítico aos métodos tradicionais da psiquiatria.

Véronique/Bauchau, assim como Nise, teme os efeitos iatrogênicos (efeitos colaterais negativos do próprio tratamento médico) do modelo asilar e da camisa de força química representada pelos medicamentos. O embate com a psiquiatra Dr<sup>a</sup> Zorian, personagem do livro de Bauchau, espécie de caricatura do psiquiatra adepto do tratamento psiquiátrico tradicional, nos mostra essa perspectiva. A escolha política de Véronique por um tratamento menos agressivo, em liberdade, aparece também em um frase do *Nosso Projeto* (texto ditado, no livro, pelo paciente à psicanalista – texto baseado em um ditado original de Lionel, anotado pelo psicanalista Bauchau durante o tratamento<sup>14</sup>). No ditado, Orion parece concordar com a opção de Véronique ao dizer: “Você é prof, mas também um pouco doutor, uma senhora que cuida da loucura, não com remédios para não-normais, que dão medo” (BAUCHAU, 2004, p. 76). Véronique se sente parte, junto com Orion, do “povo do desastre”, deste grupo de desamparados e vulneráveis, dos que tem medo de não compreender o que é dito pelos demais, no qual se inscrevem os “doentes mentais”. No capítulo *O povo do desastre*, ela se dá conta disso: “De repente me dou conta, de uma maneira fulgurante, do que constitui o essencial

---

<sup>13</sup> Cf. LA HAYE, Jacques Lesage. *A morte do manicômio: história da antipsiquiatria*. São Paulo: EDUA, 2007.

<sup>14</sup> Para mais detalhes sobre esse texto de Lionel/Orion – Cf. MESSIAS, Caio Leal. *Orion, personagem de Bauchau: um estudo de crítica genética*. FFLCH-USP, 2018 (disponível na internet, no banco de Teses da USP <<https://www.teses.usp.br>>, em formato digital).



de meu trabalho com Orion, de nossa contra-transferência feliz e infeliz: ajudá-lo a encontrar nele mesmo a força de não se render: Não, nunca!” (BAUCHAU, 2004, p. 172).

## A ARTE COMO ALTERNATIVA

Uma das formas de valorizar o trabalho produzido pelos psicóticos foi a organização de exposições de arte, elas fazem parte tanto da história de Nise, quanto de Véronique/ Bauchau. Exposições dos pacientes de Nise ocorreram em Zurique, Paris e Roma. Podendo contar com a presença ilustre do Dr Jung. Emygdio de Barros, um dos artistas descobertos por Nise, muito apreciado pelo crítico Mario Pedrosa, chegou a ter seus trabalhos expostos na Bienal de Veneza. Para Ferreira Gullar “Emygdio de Barros é talvez o único gênio da pintura brasileira”<sup>15</sup>. Segundo Nise da Silveira, Emygdio pintou “telas que ultrapassam o âmbito da psiquiatria e constituem hoje reconhecido patrimônio artístico nacional” (SILVEIRA, 1982, p. 67). Também os trabalhos de Lionel, descoberto por Bauchau, fazem parte hoje da Coleção de Arte Bruta do Museu de Lille. Sophie Lévy, diretora do LaM (*Lille Métropole Musée d'art moderne, d'art contemporain et d'art brut* - LaM), comenta que: “Enfim, em 2011, Henry Bauchau ofereceu ao LaM 23 desenhos, 9 gravuras e uma escultura de Lionel. De início infantis, mais logo de um domínio técnico impressionante, sempre complexas e frágeis, essas obras chamam atenção por sua coerência, de uma técnica à outra” (CAPE; BOULANGER, 2012, p.124).

---

<sup>15</sup> “EMYGDIO por Ferreira Gullar - Emygdio de Barros é talvez o único gênio da pintura brasileira. Um gênio não é pior nem melhor que ninguém. Com respeito a ele não há termo de comparação: um gênio é uma solidão fulgurante, ultrapassa as medidas e as categorias. Não é possível defini-lo em função de escolas artísticas, vanguardas, estilos, metiér. Com relação a Emygdio podemos afirmar que raramente alguma obra pictórica foi capaz de nos transmitir a sensação de deslumbramento que recebemos de seus quadros. A pintura de Emygdio não reflete a experiência humana no nível da sociedade e da história. A ruptura com o mundo objetivo precipitou-o numa aventura abismal, em que o espírito parece quase perder-se na matéria do corpo, afundar-se no seu magma E é daí, desse caos primordial, que ele regressa, trazendo à superfície onde habitamos, com suas imagens fosforescentes, os ecos de uma história outra, que é também do homem, mas que só a uns poucos é dado viver”. Imagens do Inconsciente – texto do Catálogo da exposição realizada no Museu Oscar Niemeyer, Curitiba: 2005

Sem necessariamente buscar um objetivo profissionalizante, tendo em vista antes objetivos ligados sobretudo ao tratamento da psicose e à redução do sofrimento psíquico, Nise e Véronique/Bauchau acabaram criando novas possibilidades de inserção social para seus pacientes que puderam, assim, em alguns casos, assumir o socialmente valorizado papel social de artistas.

Para Nise “os trabalhos produzidos nos ateliês e suas exposições eram também armas de combate ao manicômio e ao tratamento psiquiátrico hegemônico, aliados na luta pela transformação de uma certa concepção de loucura e de louco” (LIMA, 2003, p. 223). Transformar pacientes em artistas fazia parte da busca de uma sociedade mais tolerante, que visse a diversidade como riqueza. Na qual “seus trabalhos passassem a ser vistos não mais como sintoma – sinal de déficit –, mas como símbolos, isto é, produção de algo novo” (LIMA, 2003, p. 227). Promovendo, desse modo, por meios socialmente valorizados – a sublimação artística –, a realização de satisfações pulsionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou fazer uma aproximação inédita da prática de cuidado, pela arte e pela psicanálise, de dois importantes referentes no campo da saúde mental e da arteterapia: Nise da Silveira (a partir dos anos 1940 no Brasil) e Henry Bauchau (a partir dos anos 1970 na França). A análise, aqui desenvolvida, buscou valorizar estes dois modelos de cuidado humanizado, alternativos ao tratamento psiquiátrico tradicional, com sustentação epistêmica da psicanálise. As propostas de trabalho comparadas, desenvolvidos no Brasil e na França, foram situadas historicamente em relação a um contexto social maior de críticas aos tratamentos tradicionais da psiquiatria, que culmina no movimento da antipsiquiatria dos anos 1970.

Apesar das diferenças existentes entre os métodos e pressupostos teóricos de Nise da Silveira e Henry Bauchau, e das divergências quanto ao alcance da terapêutica não-verbal. Posto que Nise, inspirada por Jung, via o próprio fazer artístico como uma forma de terapia, enquanto que Bauchau,

inspirado por Lacan, buscava desvendar através da palavra os símbolos não-verbais produzidos nesse processo, unindo psicanálise e arteterapia. É possível perceber que o recurso à arte, em ambas as propostas, traz alguns resultados bastante semelhantes: por vias diversas, em épocas e países diferentes, chega-se em formas de tratamento humanizado, alternativos à internação e ao uso excessivo de psicofármacos, que promovem a inserção social do psicótico, portador de sofrimento psíquico, através da arte.

Em ambas as propostas, vemos uma tentativa de oferecer aos pacientes um meio de expressão que permitisse colocar no papel, em um suporte no mundo exterior, medos e fantasmas interiores inconscientes. A arte se torna o meio através do qual o “louco” pode dizer e expressar a verdade sobre si mesmo. Plasmada no desenho, no quadro ou na escultura, essa imagem interior exteriorizada se torna menos ameaçadora e pode ser melhor compreendida pelo próprio paciente.

A psicanálise tem um papel importante tanto no trabalho da psiquiatra Nise da Silveira, quanto do psicanalista Henry Bauchau. Conduzidos por referenciais teóricos diferentes, porém, cada um tem uma visão diferente de seu próprio trabalho com arte e psicanálise. Nise da Silveira vê a arte como uma forma de terapia ocupacional, como um fazer. Segundo a psiquiatra, qualquer tentativa de iniciar um diálogo ou aproximação do paciente psicótico diretamente pelo meio verbal teria grande chance de insucesso. Por isso, a opção pela arte e pela expressão não-verbal era um imperativo em seu método. A experiência de Henry Bauchau, vale notar, não difere, na prática, da de Nise da Silveira nesse ponto. A própria aproximação de Bauchau com Lionel se dá, sobretudo, em princípio, em nível não-verbal, através de desenhos. Ambos, Nise e Bauchau, valem-se da arte para facilitar a comunicação inicial, que, de outro modo, talvez se mostrasse impossibilitada pelo ensimesmamento narcísico comum em psicóticos.

A grande diferença está no segundo momento, o momento da interpretação dessa produção artística. Porque Nise pensa ser possível interpretar diretamente essas produções, aproximando-as de manifestações de um inconsciente coletivo, enquanto que Bauchau recorrerá sempre ao próprio paciente para buscar decifrar, na análise, em nível verbal, o enigma

psicanalítico colocado por essas produções. Assim, pode-se dizer que Nise pensa ser possível colher a verdade interior do paciente diretamente de suas produções, enquanto que Bauchau espera que essa verdade interior seja de alguma forma verbalizada, mesmo que indiretamente, pelo próprio paciente no processo de reflexão sobre sua existência e sua produção artística (o que ocorre, por exemplo, nos *ditados de angústia* de Lionel/Orion). Notamos aí uma diferença sutil, mas importante. Essa diferença confirma nossa hipótese inicial, segundo a qual, embora pareçam à primeira vista semelhantes, há diferenças consideráveis entre as duas abordagens comparadas nesse artigo.

Essa controvérsia é, certamente, bastante relevante e poderia render uma longa e necessária reflexão. Queríamos, no entanto, apenas apresentá-la ao leitor. Não temos, como dito na introdução desse artigo, a pretensão de chegar a uma conclusão definitiva sobre qual das duas propostas tem maior chance de desvendar a verdade interior do psicótico através da arte e da psicanálise. Na verdade, consideramos que ambas as metodologias de trabalho são válidas e tem resultados positivos a apresentar. Seja como for, fica claro que é possível, aliando arte e psicanálise, traçar propostas de trabalho alternativas ao tratamento tradicional. Essas alternativas de tratamento, humanizadas e menos agressivas, podem complementar o tratamento psiquiátrico convencional, evitando uma abordagem centrada exclusivamente na internação e no recurso aos psicofármacos.

A arte pode se tornar ainda, para alguns pacientes, uma forma de se inserir socialmente, até mesmo do ponto de vista profissional. Para a maioria deles, é verdade, será apenas uma forma de se expressar e aliviar tensões, o que já é um grande passo quando se trata de psicóticos, pacientes que tem como forte característica o se fechar em seu próprio universo simbólico particular. A arte e a psicanálise funcionam então como pontes entre o “eu” do paciente e o mundo exterior. São formas de comunicar o que, talvez de outro modo, com palavras, seria impossível dizer ou começar a dizer. A arte pode funcionar, por isso mesmo, como um facilitador, podendo desempenhar um papel relevante na psicanálise do sujeito. A combinação desses métodos alternativos, que se valem da arte e da palavra, com o tratamento psiquiátrico convencional trazem possibilidades novas

na busca de um tratamento psiquiátrico mais equilibrado, que trate não apenas o corpo, mas também a “alma” daquele que padece de sofrimento psíquico.

O grande avanço dessas propostas está no próprio interesse em buscar ouvir e compreender o que o psicótico tem a dizer sobre si mesmo, criando mecanismos para que o faça efetivamente. Em vez de calar e encarcerar a voz do paciente, efeitos práticos do modelo asilar amplamente criticado pela antipsiquiatria, Nise da Silveira e Henry Bauchau buscam dar voz ao paciente, valorizando suas produções. Suas propostas estão, portanto, ao oferecer alternativas ao tratamento psiquiátrico tradicional, em sintonia com as tendências do movimento que culminou na reforma psiquiátrica e na negação dos manicômios. Transformação que, por suas próprias práticas alternativas, ajudaram a tornar realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASAGLIA, Franco. *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*, org. Paulo Amarante. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BASAGLIA, Franco. *Conferenze brasiliane*. Milão: Raffaello Cortina Editore, 2000.

BAUCHAU, Henry. *L'enfant bleu*. Arles: Actes Sud, 2004.

FONDS HENRY BAUCHAU. Manuscrito de Henry Bauchau, *documento A7774*. Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica.

FONDS HENRY BAUCHAU. Manuscrito de Henry Bauchau, *documento A7776*. Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica.

FONDS HENRY BAUCHAU. Manuscrito de Henry Bauchau, *documento A7792*. Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica.

- FONDS HENRY BAUCHAU. Manuscrito de Henry Bauchau, *documento A7877*. Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica.
- FONDS HENRY BAUCHAU. Manuscrito de Henry Bauchau, *documento A7829*. Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica.
- BRASIL. *Lei 10.216 de 6 de abril de 2001*. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm)>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- CAPE, Anouck; BOULANGER, Christophe. *Lionel – L'enfant bleu d'Henry Bauchau*. Arles: Actes Sud/LaM, 2012.
- CHAN, Thereza Glória. *Emygdio de Barros: o poeta do espaço*. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA/PPGAV, 2009.
- DESVIAT, Manuel. *A reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.
- DUNKER, Christian. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique: lire les manuscrits modernes*. Paris: PUF 1994.
- HAY, Louis. *La littérature des écrivains: questions de critique génétique*. Paris: Corti, 2002.

- KRAMER, Edith. *Art as therapy with children*. New York: Schocken, 1975.
- LACAN, Jacques. Le problème du style et la conception psychiatrique des formes paranoïaques de l'expérience. In LACAN, Jacques. *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité suivi de Premiers écrits sur la Paranoïa*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LA HAYE, Jacques Lesage. *A morte do manicômio: história da antipsiquiatria*. São Paulo: EDUA, 2007.
- LIMA, Elizabeth Maria. *Das obras aos procedimentos: Ressonâncias entre os campos da Terapia ocupacional e da Arte*. Tese (Doutorado em Psicologia clínica) - PUC São Paulo, 2003.
- MESSIAS, Caio Leal. *Orion, personagem de Bauhaus: um estudo de crítica genética*. Tese (Doutorado em Letras) - FFLCH, USP, 2018.
- NAUMBURG, Margaret. *Schizophrenic art: its meaning in psychotherapy*. New York: Grune & Stratton, 1950.
- PINO, Cláudia; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- SILVEIRA, Nise. *Imagens do inconsciente*. Ed. Alhambra, Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1982.
- SILVEIRA, Nise. *O mundo das imagens*. Rio de Janeiro: Ática, 1992.
- SILVEIRA, Nise (Coordenador). *A Casa das Palmeiras: a emoção de lidar: uma experiência em Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.
- SZASZ, Thomas. *Mito da doença mental*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WIART, Claude. Art et Psychothérapie. In : PICHOT, Pierre; SAMUEL-LAJEUNESSE, Bertrand. (Orgs.). *Nouvelles tendances en psychothérapies*. Paris : Masson, 1983.

- WIART, Claude. *100 ans. Des «peintures faites par des fous» à «l'art-thérapie»*. Soins Psychiatrie, junho-julho 1985.
- WILLEMART, Philippe. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- WILLEMART, Philippe. *Os processos de criação: na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- WILLEMART, Philippe. *Psicanálise e teoria literária*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- WILLEMART, Philippe. *A escritura na era da indeterminação*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Texto recebido em 31/08/2019 e aprovado em 21/02/2020